

A CAMINHO DE UMA FILOSOFIA EXTRA-MORAL

Fernanda Machado de Bulhões
Departamento de Filosofia da UFRN

RESUMO

Compreendendo a Metafísica como uma forma de conceber a realidade a partir da crença na dicotomia de valores - Bem x Mal, Verdade x Mentira, Alma x Corpo, etc. - Nietzsche pretende lançar o pensamento filosófico para longe dos muros metafísicos. Questionando a filosofia, não em seu conteúdo, em sua verdade, mas em sua vontade, Nietzsche inicia e anuncia um modo de filosofar que está além da oposição de valores, uma filosofia que está além do Bem e do Mal.

Segundo Nietzsche, a história da filosofia, desde Sócrates e Platão, tem como motor um certo tipo de vontade: a "vontade de verdade". Alcançar a verdade a qualquer preço, como se esta fosse uma luz no fim do túnel, é a meta de todo filósofo. Para Nietzsche a "vontade de verdade" é indissociável da *crença na verdade*. O filósofo crê que a verdade existe em si mesma, crê em seu caráter absoluto, por isso move-se em sua direção, sendo que,

Princ.	Natal	Ano 3	n. 4	p. 103-109	jan./dez. 1996
--------	-------	-------	------	------------	----------------

neste seu caminho, o falso, o erro, o engano, devem ser afastados. Esta forma de pensar, que acredita na existência de uma verdade em si, é denominada por Nietzsche como modo de pensar metafísico.

O pensamento metafísico, que tanto impregnou a filosofia, pergunta: "Como poderia algo nascer do seu oposto? Por exemplo, a verdade do erro? Ou a vontade de verdade da vontade de engano? Ou a ação desinteressada do egoísmo? (...) Semelhante gênese é impossível ... as coisas de valor mais elevado devem ter uma origem que seja outra, *própria* - não podem derivar desse fugaz, enganador, sedutor, mesquinho mundo, deste turbilhão de insânia e cobiça! Devem vir do seio do ser, do intransitório, do deus oculto, da "coisa em si" - nisso e em nada mais deve estar sua causa."¹ Em outras palavras, a postura metafísica, procurando um fundamento ontológico para a verdade, concebe duas realidades radicalmente distintas, dois mundos que se excluem mutuamente: de um lado, o mundo sensível, fugaz, efêmero, transitório, passageiro, onde a realidade escapa como se fosse água entre os dedos, esse é o mundo que nos engana, pois sempre nos mostra mudanças e diferenças; do outro lado, o mundo que só pode ser compreendido pelo intelecto, mundo estável, perene, idêntico, onde a realidade se mantém a mesma, por isso pode dar garantias, sustentar certezas e verdades. Esses mundos distintos possuem valores distintos: um vale mais do que o outro. A verdade, a razão, o ser, valem mais do que o vir-a-ser, a mentira, o corpo. Isto significa que o modo de pensar metafísico trata a realidade a partir de uma perspectiva moral, e é esta perspectiva moral que é responsável pela diferença de valor atribuída à realidade. Na medida em que produz juízos de valor moral, uma realidade é identificada com o Bem e a outra com o Mal.

Para Nietzsche, a história da filosofia, calcada na crença metafísica - crença na oposição de valores - é marcada pela luta entre o Bem e o Mal, entre a racionalidade e os instintos. Esta

história apresenta, apesar de suas rupturas, uma continuidade. Isto é, há um "mesmo" que se perpetua, e este "mesmo" consiste na desvalorização dos instintos em prol da razão. Nessa história as pulsões vitais devem estar subordinadas à uma outra instância, onde se encontra o "sujeito" consciente, supostamente livre e responsável. Livre para quê? Para agir corretamente, isto é, de acordo com o Bem já dito pela moral. Tudo que se passa com o corpo, toda a virilidade dos impulsos inconscientes, deve estar sob o comando de preceitos morais conscientes.

A severa crítica que Nietzsche faz ao saber filosófico-científico consiste, basicamente, na denúncia de que toda construção teórica expressa algo que é mais "primitivo" que a própria racionalidade: os instintos. Segundo Nietzsche a atividade da consciência faz parte das atividades instintivas: "... "estar consciente" não se opõe de (algum) modo decisivo ao que é instintivo - em sua maior parte, o pensamento consciente de um filósofo é secretamente guiado e colocado em certas trilhas pelos seus instintos. Por trás de toda a lógica e de sua aparente soberania de movimento existem valorações ou, falando mais claramente, exigências fisiológicas para a preservação de uma determinada espécie de vida."² Isto significa que: além de não existir uma separação radical entre razão e corpo, o corpo constitui uma instância mais fundamental que o raciocínio.

A crítica de Nietzsche pretende mostrar que a suposta neutralidade do saber filosófico-científico encobre juízos de valor que por sua vez não são racionais, no sentido em que não são obtidos por uma cadeia, dedutiva ou indutiva, de raciocínios. São, por assim dizer, manifestações pré-rationais. Por isso, Nietzsche, ao invés de examinar o que tal filósofo diz, o conteúdo do seu discurso, ele se dedica a trazer à tona os valores encobertos e, também, em avaliar esses valores que, de fato, determinam a sua fala. O que lhe interessa é saber que tipo de impulso move o filósofo, quais são suas "verdadeiras" intenções. Para Nietzsche, não há

dúvida de que as verdadeiras intenções são morais: "... se tornou claro que as intenções morais (ou imorais) de toda filosofia constituíram sempre o germe a partir do qual nasceu a planta inteira. De fato, para explicar as mais remotas afirmações metafísicas de um filósofo é bom (e sábio) se perguntar antes de tudo: a que moral isto (ele) quer chegar?"³. Ou seja, uma produção teórica esconde uma avaliação moral, avaliação moral que é decorrente de um "estado fisiológico", de um modo de viver. É como se houvesse três camadas superpostas: formulação teórica, avaliação moral e os estados em que se encontram os impulsos vitais.

Para Nietzsche é evidente que todas as teorias, por mais que sejam bem argumentadas, são criações que devem ser compreendidas, apenas, como *sintomas*. Juízos sobre a vida "... somente como sintomas merecem ser levados em consideração: em si tais julgamentos não passam de idiotices ... (mesmo porque) ... o valor da vida não pode ser apreciado. Não pode ser apreciado por um vivo, porque é parte e até objeto de litígio e não juiz; nem pode ser apreciado por um morto, por outras razões."⁴ Do mesmo modo que a cabeça pretende dominar o corpo - porque se esquece de que ela é corpo, e é apenas uma de suas partes - a razão acredita ser capaz de dizer o que a vida é pois se esquece de que ela é apenas uma de suas manifestações.

Interpretando as criações filosóficas como sintomas, o fato de a filosofia ter como raiz intenções morais, não é um bom sinal, na verdade, indica adoecimento, fraqueza. Porquê? Por que a moral é fruto de uma depreciação da vida. Isto é, a moral, tendo como princípio valores - Bem e Mal - considerados universais e imutáveis, quando avalia a vida, que é sempre mutante e singular, dá à vida um sentido que ela não tem.

O império da moral sobre a vida impõe preceitos que do alto dizem as diretrizes que o homem na terra deve seguir. Toda proposição moral se apresenta num tom imperativo. "A fórmula geral que serve de base a toda religião e a toda moral pode ser

expressa assim: "Faça isto e mais isto, não faça aquilo e mais aquilo - e então serás feliz, do contrário..."⁵ Dar ao homem um ideal que deve ser seguido e perseguido, em geral com muito sacrifício, para que o indivíduo se torne "melhor" é o que faz toda proposta moral⁶. Mas, a moral não só oferece um projeto de aperfeiçoamento - forçado - como faz mais: promete uma recompensa ou um castigo. Se a ação é conforme o Bem, ou seja, se a ação for virtuosa, o sujeito ganha; caso contrário, o sujeito perde. "O essencial e inestimável em toda moral é o fato de ela ser uma demorada coerção..."⁷ Coagir, impor, determinar valores, é a "praxis" da moral.

Toda moral ao impor um juízo universal a um indivíduo vai contra a manifestação da vida. Pois, quando alguém é submetido à leis, normas, supostamente válidas para todos, sua força que lhe é peculiar, é inibida. Perdendo o próprio, perdendo o que é mais singular, o indivíduo se enfraquece. A moral, fundamentada num "Bem" abstrato e ideal, que está em desacordo com as atividades instintivas, que são concretas e singulares, não serve para avaliar o que vive, não tanto por ser uma falsa avaliação, mas por ser prejudicial à saúde. Em suma, a moral, sempre na tentativa de tornar o homem "melhor", acaba por enfraquecê-lo, já que valores universais e absolutos tendem a paralisar a circulação da vida - e disso nunca podemos nos esquecer: a vida circula.

Aos olhos de Nietzsche o discurso filosófico é uma avaliação da realidade feita a partir de valores morais. O que deve ser avaliado são esses valores que norteiam o discurso. Por isso, Nietzsche não põe em questão o conteúdo do pensar filosófico, o estatuto epistemológico da verdade. As criações filosóficas são interpretadas apenas como sintomas ou de força ou de fraqueza, de saúde ou de doença. Por isso, para ele pouco importa a demonstração lógica dos raciocínios, pouco importa se há verdade ou não nos argumentos. Sua pergunta é sobre o valor da *vontade de verdade* que move o filósofo. O que realmente quer esta vontade

de? Por que querer a verdade e não a mentira, a incerteza, o engano, a máscara? Talvez "... se deva atribuir à aparência, à vontade de engano, ao egoísmo e a cobiça um valor mais alto e mais fundamental para a vida. Talvez! - Mas quem se mostra disposto a ocupar-se de tais perigosos "talvezes"? Para isto será preciso esperar o advento de uma nova espécie de filósofos, que tenham gosto e pendor contrários aos daqueles que até agora existiram - filósofos do perigoso "talvez" a todo custo. "⁸

Esses novos filósofos, batizados por Nietzsche com o nome de tentadores, fazem da filosofia uma tentação, uma atividade sedutora e perigosa. O gosto que os diferencia dos outros filósofos não permite que eles sejam dogmáticos, que venham impor suas verdades, pois muito provavelmente eles terão e amarão suas verdades, suas "máscaras". "Ofenderia seu orgulho, e também seu gosto, se a sua verdade fosse tida como verdade para todos (...) " meu juízo é meu juízo: dificilmente um outro tem direito a ele - poderia dizer um tal filósofo do futuro. É preciso livrar-se do mau gosto de querer estar de acordo com muitos. "Bem" não é mais bem quando aparece na boca do vizinho. E como poderia haver um "bem comum"? O que pode ser comum sempre terá pouco valor."⁹

Esta nova espécie de filósofos, que Nietzsche vê surgindo, são amigos do perigo, da incerteza tanto quanto são amigos do mundo "fugaz, enganador, sedutor, mesquinho mundo, ... turbilhão de insânia e cobiça!". Esses "filósofos do futuro" não acreditam na existência de uma verdade em si, mas admitem que os homens não poderiam viver sem suas verdades, sem suas crenças, suas ficções lógicas, já que "tudo o que é profundo ama a máscara". Eles consideram que "... tudo o que há de mau, terrível, tirânico, tudo o que há de animal de rapina e de serpente no homem serve tão bem à elevação da espécie homem "quanto seu contrário..."¹⁰ Isto mostra a "imoralidade", quer dizer, a não-moralidade, desses novos filósofos. Mas, o termo que melhor expressa o lugar que ocu-

pam é "além do bem e do mal". Os filósofos do futuro são estes que levam a filosofia para fora do terreno da moral, fazendo do pensar filosófico um ato extra-moral.

NOTAS

-
- ¹ NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal. Cap. 1 § 2.
 - ² Op. Cit., 3.
 - ³ Op. Cit. § 6.
 - ⁴ Crepúsculo dos Ídolos, "o Problema de Sócrates", § 2.
 - ⁵ NIETZSCHE, - Crepúsculo dos Ídolos, "Os, quatro Grandes Erros", § 2.
 - ⁶ Ibid. "Aqueles que querem tornar a humanidade melhor": "Em todos os tempos quis-se melhorar o homem; a rigor, isto é o que chamamos de moral".
 - ⁷ NIETZSCHE, Além do Bem e do Mal, Cap. 5, § 188.
 - ⁸ Op. Cit., Cap.1, § 2.
 - ⁹ Op. Cit., Cap.1, § 43.
 - ¹⁰ Op. Cit., Cap.1, § 2.
 - ¹¹ Op. Cit., Cap.2, § 44.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- NIETZSCHE, Friedrich - Além do Bem e do Mal, São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- _____. - Crepúsculo dos Ídolos. São Paulo: Hemus, 1976.
- MACHADO, Roberto - Nietzsche e a Verdade, Rio de Janeiro: Rocco, 1984.